

MUNDO VIVE SURTO RENASCENTISTA DO ISLAMISMO

Paul Johnson

O Estado de S. Paulo, 23 de setembro, 2001.

Nesta época em que nos fazem ficar assustadoramente cômicos da implacável ferocidade do Oriente, recorro a Rudyard Kipling, que usou seu gênio para deixar bem claras as distinções entre diferentes tipos de mentalidades criadas pela religião, raça e história. Quanto mais leio os espantosos poemas e histórias de Kipling, mais me assombro com sua capacidade de penetrar na profundidade das mentes humanas - brancas ou não, cristãs, muçulmanas, atéias e animistas, politeístas e monoteístas, sikhs e hindus, de ambos os sexos e de todas as idades, de toda casta e classe.

Ele foi com certeza o adolescente mais adulto em matéria de sabedoria de todos os tempos e, aos 18 anos, já era um mago. Via a raça como produto da geografia, história e fé. Nenhum homem foi menos racista que ele, pois simpatizava com todas as raças; mas nenhum homem insistiu mais para que nunca se deixasse a raça fora da equação que nos permite entender a conduta humana.

Na semana passada, li duas de suas maiores histórias, *On the City Wall* e *The Man Who Would Be King*. A primeira é a sinistra exibição da alma de Wali Dad, o intelectual meio ocidentalizado pelos sombrios impulsos de suas crenças hereditárias. A segunda é um relato terrível, do mesmo nível de *O Coração da Treva*, de Joseph Conrad, e conta como dois aventureiros demoníacos do Ocidente procuram explorar a mentalidade frenética do Afeganistão e encontram seu castigo merecido. Pena que Kipling não esteja vivo para nos aconselhar. Pelo menos temos suas palavras.

Durante três gerações, críticos de esquerda e professores de inglês tentaram depreciar Kipling e afastar os jovens de suas obras. Não obstante, elas resistiram, pois são a chave para compreender o Oriente - e não aquele inconsistente E. M. Forster que, conforme V. S. Naipaul nos lembrou recentemente, tinha um conhecimento muito superficial da Índia, resultante principalmente de sua prática de pederastia. Os indianos hoje se riem das pretensões de Forster - se é que o lêem -, ao passo que muitos consideram Kipling o maior escritor que a Índia produziu.

Deve-se ler a entrevista de Naipaul à *Literary Review*, pois os relatos da imprensa sensacionalista sobre ela não transmitem a idéia real de sua consistência. Naipaul está empenhado em chegar às raízes da discórdia entre muçulmanos e hindus e salientar a devastação cultural semeada pela conquista muçulmana, que ele considera a causa da pobreza da Índia.

Essa devastação continua ainda hoje, conforme constatamos com a explosão de antigas estátuas colossais de Buda no Afeganistão, tão importantes para seus seguidores como o World Trade Center era para os americanos. Sabemos vagamente que o Islã está empenhado num esforço constante para apagar o cristianismo (e o judaísmo) na África - principalmente na Nigéria, no Sudão e na Eritreia. Conhecemos menos seus esforços selvagens para destruir as religiões autóctones da Ásia, numa vasta área, do subcontinente indiano às Filipinas.

Esses credos, bem como o cristianismo, estão sob ameaça de conquista, pelo Islã, desde seu início, no século 7.º. Muçulmanos sempre acreditaram na conversão sob a ameaça da cimitarra; e o único castigo para quem assim é convertido e repudia sua religião obrigatória é a morte. Ainda quando escrevo, um grupo de funcionários encarregados de ajuda no Afeganistão está com sua vida em julgamento por supostamente pregar o cristianismo.

A natureza do Islã é pouco entendida na Inglaterra. No ano passado, contrariando meu bom senso, participei de um programa de TV sobre Deus. O tema das Cruzadas veio à baila, e todo mundo as criticou chamando-as de racistas, genocidas, etc. Discordei, mas não tive tempo para explicar que as Cruzadas eram um episódio no conflito entre cristianismo e islamismo que continuava durante quase um milênio e meio. O Islã começou essa guerra perpétua de conquista. Ele não só dominou e erradicou o cristianismo no Oriente Médio e norte da África, como também chegou até perto de Paris e dominou a maior parte da Espanha durante sete séculos. Devastou a Sicília e muitas vezes tentou conquistar a Itália.

As Cruzadas não passaram de uma tentativa tardia e em última análise inútil de recuperar o território da Terra Santa; seu verdadeiro erro foi solapar fatalmente o último bastião contra a agressão muçulmana, o Império Bizantino. Quando ele caiu, o Islã avançou sobre as possessões de Veneza em todo o Mediterrâneo oriental, invadiu os Bálcãs cristãos e tentou capturar Viena, no coração da Europa cristã, até os anos 80 do século 17. As Cruzadas foram apenas um longo momento na história do cristianismo. O equivalente islâmico, a jihad (guerra santa), é permanente.

É possível argumentar, claro, que a expansão islâmica continua hoje, graças ao alto índice de natalidade entre os imigrantes. Isso está na origem dos transtornos na ex-Iugoslávia, onde os sérvios ortodoxos vivem apavorados pela idéia de serem aniquilados pelos muçulmanos, como ocorreu quando foram dominados pelos otomanos. Mas eles repetiram às avessas os erros dos cruzados: em vez de se unirem aos croatas católicos numa causa comum, atacaram também a eles e assim se isolaram.

Mas o problema é mais vasto do que os Bálcãs. Imigrantes muçulmanos ilegais, principalmente da Albânia, estão invadindo a Itália em grande número, e outros muçulmanos, em especial do Magreb (na África), invadem a Espanha. No ritmo em que as coisas vão, a Itália e a Espanha serão países de predominância muçulmana bem antes do fim do século, e assim se repetirá o modelo da Europa na Idade Média. Ninguém está fazendo muita coisa porque, a exemplo do que ocorre com o terrorismo, cada país enfrenta a ameaça individualmente e não há uma estratégia ocidental, muito menos global.

É um erro entender o Islã como algo uno. Ele tem muitas subdivisões.

Muçulmanos sunitas são menos radicais do que as diversas versões do xiismo, e a maioria dos muçulmanos quer viver em paz com seus vizinhos. Mas o Islã é famoso por

seus surtos periódicos de renascentismo, que geralmente assumem uma forma militante, e o mundo está por certo vivendo um deles. O espetáculo mostrado na semana retrasada pela TV, em que mulheres muçulmanas choravam e dançavam de alegria ante a destruição de vidas nos EUA, ilustrou possivelmente pela primeira vez para muitos ocidentais a profundidade humana do problema que enfrentamos. Isso não teria surpreendido Kipling, que conhecia tudo sobre o assunto. Sabia, entre outras coisas, que o islamismo - ao contrário do cristianismo e do judaísmo - é um sistema de crenças e leis não reformado, pertencente em essência aos primórdios da Idade Média.

Precisamos esperar que a reforma do Islã, há tanto adiada e que já devia ter ocorrido, surja dos atuais espasmos de reação obscura, como provavelmente surgirá. Mas por enquanto não há sintoma disso